

A MIGRAÇÃO CEARENSE NA AMAZÔNIA NO FINAL DO SÉCULO XIX NO ROMANCE *O PAROARA* DE RODOLFO TEÓFILO

CEARENSE MIGRATION IN THE AMAZON AT THE END OF THE 19TH CENTURY IN THE NOVEL *O PAROARA* BY RODOLFO TEÓFILO

Ribamar Diniz¹
Francisco Carlos Ribeiro²

RESUMO: O objetivo da pesquisa é analisar a representação do processo migratório dos cearenses a Amazônia no final do século XIX, conforme apresentado no romance *O paroara*, de Rodolfo Teófilo, comparando as suas ideias com a literatura contemporânea sobre o mesmo processo. Não há a pretensão, neste artigo, de contribuir com novas análises ou interpretações a respeito do assunto abordado; pretende-se simplesmente reunir material que já está disponível em fontes bibliográficas selecionadas.

PALAVRAS-CHAVE: Amazônia; Migração; Rodolfo Teófilo; Romance.

ABSTRACT: The objective of this research is to analyze the migratory process of people from Ceará to the Amazon at the end of the 19th century, as presented in the novel **O Paroara**, by Rodolfo Teófilo, comparing his ideas with contemporary literature on the same process. This article does not intend to contribute new analyses or interpretations regarding the subject matter; it simply aims to gather material already available in selected bibliographic sources.

KEYWORDS: Amazon; Migration; Rodolfo Teófilo; Romance.



10.23925/2176-4174.36.2025e74012

Recebido em: 12/11/2025.

Aprovado em: 18/11/2025.

Publicado em: 18/11/2025.

¹ Doutorando em História (UFP). Universidade Federal do Pará. Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2899-0176> E-mail: ribamardiniz1@gmail.com

² Doutorado em História (PUC-SP). Florida University of Science and Theology. Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6096-8553> E-mail: fcr.historiador@hotmail.com

Introdução:

O paroara é considerado o principal romance de Rodolfo Teófilo (Mendonça; Alencar, 2021, p. 302). Esse autor radicado no Ceará tem sido redescoberto, bem como suas ideias sobre a história/formação do Ceará e do cearense, através de seus textos em prosa e poesia. A publicação de uma biografia, intitulada *O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo*, do jornalista Lira Neto (1999), de circulação restrita, foi apenas uma das muitas iniciativas nos últimos 25 anos para trazer a luz a vida e a obra desse cientista, escritor, industrial, abolicionista e divulgador científico. Especialmente estudos nos campos da história e da literatura tem analisado sua produção, resultando em um considerável número de artigos, dissertações de mestrado e teses de doutorado (Montenegro, 1997). Seu romance *O paroara*, objeto do presente estudo, aborda o processo de migração cearense a Amazônia, no final do século XIX, no chamado primeiro ciclo da borracha.

O propósito do presente estudo é analisar o processo migratório dos cearenses a Amazônia no final do século XIX, conforme apresentado no romance *O paroara*, comparando as idéias dessa obra com a literatura contemporânea sobre o mesmo processo. De especial interesse no estudo é identificar as motivações dos migrantes conforme apresentadas no romance, em contraste com autores atuais, como Samuel Benchimol e Franciane Lacerda (2006). Além da migração em si, esta pesquisa inclui algumas representações do romance *O paroara* sobre a Amazônia. O método empregado está baseado nas relações existentes entre História e Literatura.

O artigo está dividido em quatro partes, sendo a primeira uma reflexão sobre o método empregado; a segunda uma descrição da vida e obra de Rodolfo Teófilo; a terceira uma resenha sobre migração de cearenses na Amazônia em autores contemporâneos e a última uma análise das idéias de *O paroara* sobre migração e representação da Amazônia.

História e Literatura: uma breve reflexão

O debate sobre as relações entre História e Literatura é antigo, e não parece ter data para terminar. Já existe, porém, o consenso de que as abordagens são

complementares e não opostas. A proposta de Iser Wolfgang, por exemplo, “é pensar a relação realidade e ficção não de forma oposta, mas como uma relação tríplice. Tal relação envolve o real, o fictício e o imaginário, pois há parcelas do real no texto ficcional, mas essas não se repetem por efeito de si mesmas, já que a repetição é um ato de fingir do qual deriva um imaginário.” (Torres, 2020, p. 96).

A história tem uma dimensão literária e vice-versa. A literatura pode conter/realçar/analisar elementos históricos, a depender do texto. No caso dos romances, a própria definição desse gênero literário ilustra isso. O romance *O parara*, de Rodolfo Teófilo, é um bom exemplo da relação entre história e literatura, por contar elementos históricos precisos, em uma narrativa bem elaborada. Os romances são não apenas fontes históricas confiáveis, mas material didático palatável para se compreender o processo histórico. Seu caráter pedagógico tem sido percebido por muitos pesquisadores.

A noção de que a ficção histórica pode ser usada no ensino da história é corrente não só entre os leigos, mas entre os historiadores e mesmo entre os estudiosos da literatura. Temístocles Linhares, analisando romances históricos brasileiros, ainda que não chegue a atribuir-lhes uma função didática, deixa claro que o texto ficcional lhe parece mais agradável e, eventualmente, mais completo do que o histórico. O papel da imaginação fica limitado a suprir as lacunas documentais, além de avivar o texto, mas cabe à história, que contém a verdade, precedência sobre qualquer outro valor. (Weinhardt, 1994, p. 55).

Outro ponto a ser destacado é que, além do uso da literatura como forma de regressão ao passado, argumenta-se também a respeito da utilização do texto literário enquanto forma de representação da realidade a qual pertence, isto é, o seu presente, oferecendo, à sua maneira, meios específicos para a compreensão de determinados contextos históricos.

Discorrer sobre a literatura ou a história, o factível ou o ficcional, nos termos aqui propostos, é, quase que inevitavelmente, discorrer sobre um mesmo horizonte. Isto é, o desejo humano de conhecer-se. Seja pelas vias científicas ou criativas, os sujeitos buscam a si próprios, desvelando o turbilhão de referências que é a vida. Para Teresa Cerdeira (2018), portanto, o discurso de realidade não pode se restringir apenas às narrativas científicas, nesse caso históricas, pelo contrário, pois

muitos outros discursos, inclusive literários, referem-se veridicamente ao mundo. É evidente que as formas de o fazer são diversas, valendo-se ora da racionalidade, ora das emoções, mas, em ambos os casos, atrelados às questões, angústias e anseios deste mundo, bem como dos sujeitos que nele habitam. (Silva; Velloso, 2022, p. 35).

Rodolfo Teófilo produziu textos históricos e literários, onde temos um diálogo interno em sua obra, já que ela descreve a vida do povo cearense, suas características caboclas, suas mazelas sociais e sua luta contra a natureza local (secas) e amazônica (migração).

Teófilo legitima sua escrita, no conjunto de sua obra, por ter sido testemunha ocular dos fatos que narra, estabelecendo uma relação direta entre o visualizado e a narrativa. De Decca observa, todavia, que nos estudos de obra literária há uma séria dificuldade em relacionar as narrativas com seus referentes, seja pela separação entre real e ficcional, seja pela capacidade que a obra literária tem de se autonomizar com relação ao referente. (Damasceno, 2018, p. 42).

Isto ocorre por que a natureza de uma obra ficcional é diferente de uma obra historiográfica. O romancista busca através de sua arte fazer reflexões sobre o que está narrando. Ele não pretende descrever os fatos como foram, mas como poderiam ter acontecido. O historiador, por sua vez, tem que, através de suas fontes chegar ao mais próximo possível do que de fato ocorreu. Ele tem que usar notas de rodapé para justificar suas afirmações. O ficcionista, não.

O autor e sua obra

A trajetória de Rodolfo Marcos Teófilo (1853-1932) pode ser percebida em seus próprios escritos, alguns autobiográficos. Seus aliados e detratores, também contribuem para construir ou destruir sua reputação. A Imprensa da época, em muitas referências ao seu trabalho, completa o quadro. Três obras, porém, apresentam de forma objetiva e ampla, sua vida, obra, produção intelectual e legado: *Rodolpho Theófilo: varão benemérito da pátria, vida e obra*, de Waldy Sombra; *O poder e a peste: a vida de Rodolfo Teófilo*, de Lira Neto e *Rodolpho Theofilo: o polivante polêmico*, de Ednilo Gomes de Sózarez. Ao todo Rodolfo publicou 27 livros, sobre história, literatura, ciência e autobiográficas. Charles Ribeirinho Pinheiro (2011, p.

180-183), em sua dissertação *Rodolfo Teófilo: a construção de um romancista* enumera, na bibliografia, o conjunto de sua obra literária e as principais pesquisas nesse campo a seu respeito, até 2011.

Nascido na Bahia e radicado no Ceará, filho e neto de médicos, Rodolfo Teófilo teve contato com a medicina e as transformações da sociedade cearense desde seus tenros anos. A formação intelectual de Teófilo teve três fases (no lar, com seu pai; no Liceu de Fortaleza e na Faculdade de Medicina de Recife). Teófilo recebeu educação secundária no Liceu Atheneu Cearense, de Fortaleza, (onde se matriculou em 1865). Ali estudavam os filhos da elite local. Naquele centro de formação intelectual, teve contato as ideias de pensadores positivistas e cientificistas que o acompanhariam no resto da vida. No colégio de moral católica havia predileção por pensadores franceses.

Entre o período de estudos no Ateneu Cearense e os estudos em horários especiais na escola Praxedes e Queiroz, por meio da educação letrada, Teófilo teve contato com futuros expoentes da intelectualidade cearense, tais como Rocha Lima, Capistrano de Abreu, Domingos Olímpio, Paula Ney, e pôde, ainda que de modo incipiente, construir as primeiras relações que o acompanhariam em sua trajetória intelectual a partir dos anos 1870. (Braga Neto, 2012, p. 25-27.). Na visão de Pinheiro,

Rodolfo Teófilo, farmacêutico e literato, acompanhou de perto a todas essas transformações. Passou a maior parte da sua vida no Ceará, ausentando-se poucas vezes de sua terra amada. Ele pode ser considerado uma fonte histórica e cultural fidedigna e privilegiada, pois além de ter sido participante ativo de grandes eventos históricos do Ceará, ele escreveu sobre todos os acontecimentos de que participou. (Pinheiro, 2011, p. 17).

Teófilo não deixou de criticar os paradoxos da modernidade que presenciava, atribuindo as mazelas do povo cearense mais a tirania dos governos do que a problemas climáticos. Era dotado de uma visão do mundo positivista e cientificista e no naturalismo regionalista encontrou a sua forma de expressão literária. Então, sua obra literária e não-literária, põem seus leitores em contato com as conturbações e contradições de seu tempo. “A sua vida intelectual foi um obstinada luta em busca da justiça. E a sua arma principal era a palavra.” (Pinheiro, 2011, p. 17). Seus romances,

cuja temática geral era a seca, são uma forma de denúncia social em relação a triste realidade de seus compatriotas. Um momento decisivo em sua vida, foi sua campanha voluntária contra a varíola e a colera, (em fins do século XIX e início do século XX), onde imunizou milhares de pessoas, apesar dos ataques que recebeu do poder estabelecido na época. Tal façanha o caracteriza com traços messiânicos (Reis, 2004, p. 288). Alguns autores, foram menos apaixonados e apresentaram traços mais humanos do autor, que teve desafetos e admiradores, sendo, além de sanitarista dedicado um polemista não profissional.

Rodolfo Teófilo, em sua formação e atuação profissionais, incorporou essas perspectivas intervencionista e moralista da medicina social. Estes princípios, em consonância com o conjunto das leituras racialistas e evolucionistas, formaram sua compreensão sobre o papel do intelectual no cenário da cidade, que precisava avançar pelo campo da reflexão teórica e alcançar a dimensão de transformação social. Transformação de viria, por um lado, através da melhoria das condições materiais de vida dos mais pobres, e por outro, pela educação e moralização dos comportamentos das populações periféricas, apontando para o caráter preconceituoso e elitista destas proposições. (Braga Neto, 2012, p. 27).

A sua notoriedade entre a nova geração de intelectuais e literatos o faz integrar nos quadros da Padaria Espiritual (1892-1898), na qual editou alguns romances, na tentativa de se estabelecer como ficcionista, perante a tradição literária. Em sua dissertação de mestrado, Braga Neto (2012), define o estilo de Teófilo como “regionalista científico-tropical”. Rachel de Queiróz o denominou de o precursor “literatura das secas”, que atingiu o ápice, no século XX, com o romance *Vidas secas* (1938), de Graciliano Ramos. Otacílio Colares vai mais longe, ao considerá-lo “o mais representativo escritor do Ceará em todos os tempos” (Colares, p. ix).

Dois eixos principais de influência em Rodolfo Teófilo foram “as leituras românticas da mocidade e as leituras científicas relacionadas ao seu curso e a seu ofício de farmacêutico, resume Pinheiro (2011, p. 69).

O próprio Teófilo deixou registrado suas intenções, decepções e prioridades, em sua atuação pública. Seu comentário deixa transparecer uma certa mágoa pelos ataques que sofreu, além do pouco reconhecimento que recebeu em vida.

A minha vida foi uma luta sem tréguas pela verdade. Raros foram os que me compreenderam. Nessa amorosa tenda tive inúmeras vezes de combater os presumidos, os viciados. Não escapei por isso ao dente da inveja, da maledicência: desprezei-o. Estive sempre ao lado dos fracos, dos oprimidos. O que por eles senti, reflecte-se em meus escriptos. Convivi com o povo, chorei com elle as suas desventuras e cantei as suas glórias. Quanto mais cultivava o espirito, mais piedade tinha dos desgraçados. Nunca ri das jogralidades de um bêbado nem das astúcias de um ladrão. Eram infelizes, dignos somente de compaixão. Descobri-me sempre deante da desgraça (sic) (Teófilo, 1910. p. 43).

Essa “verdade” e compaixão pelo seu próprio povo reflete-se “em seus escritos”, especialmente nos romances. Luciana Brito, sintetiza as quatro principais influencias na obra do literato cearense.

A produção literária de Rodolfo Teófilo apresenta grandes traços do naturalismo e das teorias positivista, determinista e evolucionista, todavia se podem entrever arroubos românticos, principalmente na construção de personagens grandiloquentes e de moral ilibada, oriundos de uma visão maniqueísta e ingênua das relações humanas. (Brito, 2013, p. 114).

Damasceno vai mais além, explicando melhor o fim da historiografia e literatura presente em Rodolfo Teófilo. Suas obras tinham entre si relações de similitude e complementaridade, para que um mesmo motivo de escrita pudesse aparecer tanto em “texto historiográfico” como em um romance, as vezes sem diferenciações nas disposições das palavras. Esta intercessão pode-se explicar, em alguma medida, pelo tipo de relacionamento com o escrito existente no período, que permitia a uma obra a possibilidade de transitar entre o tratado científico e texto literário, mas também pela possibilidade de permitir com que o conhecimento científico chegasse a população em geral com uma roupagem mais “palatável”. (Damasceno, 2017, p. 7).

O romance *O paraíba*, publicado em 1899, é uma narrativa longa, com 504 páginas. Teófilo descreve a migração do Ceará ao território amazônico, usando personagens típicos do cenário cearense do século XIX. Contem elementos históricos da migração e representações sobre a Amazônia. A seguir iremos analisar

alguns desses elementos. Antes, veremos como o mesmo assunto é apresentado por outros autores.

Migração Cearense a Amazônia nos autores contemporâneos

Vários autores contemporâneos analisam, tanto em textos historiográficos como literários a problemática da migração cearense para Amazônia. Considerando o eixo temático História da Migração, é necessário a contínua análise do fenômeno das migrações, bem como seus desdobramentos para a história do presente e futuro. A migração é um problema demográfico, econômico, político, que envolve a psicologia social e de sociologia.

Pesquisas sobre deslocamentos humanos proporcionam uma interpretação da história social de seus sujeitos e sociedades de origem e receptoras. No caso do Brasil, o exercício é ainda mais relevante, pois sua história tem relação direta com a chegada de imigrantes e com a movimentação interna de migrantes.

Marco Villa afirma que a migração nordestina “a São Paulo foi um dos maiores deslocamentos populacionais no mundo ocidental no pós-segunda Guerra mundial até 1970”; migração que remonta “ao último quartel do século XIX”, especialmente após as secas de 1877- 1879, quando morreram 600 mil nordestinos”, sendo que 350 mil pessoas emigraram a cidade. “Grande parte dos migrantes nordestinos eram cearenses...” (Villa, 2017, p. 5-10). Villa explora o processo de migração, as representações e repercussões da presença cearense em São Paulo, ecoando a presente pesquisa, cujo foco é o Marajó.

O desenvolvimento econômico da Amazônia é atribuído, na perspectiva de Benchimol (2000, p. 28), ao povoamento da região, sendo a primeira a colonização portuguesa com as drogas do sertão e o povoamento nordestino-cearense que impulsionou o ciclo da borracha. “Quem quiser compreender a história da Amazônia da metade do século passado para cá, forçosamente terá de entender e estudar profundamente o ‘cearense’ imigrante.” (Benchimol, 1977, p. 144). Seu livro *O cearense na Amazônia* (1965) tornou-se referência para descrever esse processo migratório, pois aborda, além das memórias de cearenses, as várias representações atribuídas a estes “retirantes” (Benchimol, 1965, p. 18).

Há poucos estudos sobre migração de cearenses no estado do Pará, mesmo sendo o segundo ponto de concentração dos cearenses, além do Amazonas e do

Acre. Porém, Franciane Lacerda (2006), com a tese *Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916)*, ajuda a preencher essa lacuna. O trabalho de Franciane tem o mesmo recorte temporal próximo ao do romance *O paroara*, porém, tem recorte espacial distinto (Belém e núcleos colonizadores e não o Acre). Ela reconhece haver alcançado os objetivos de sua pesquisa, porém admite que “algumas questões” poderão ser melhor elucidadas no futuro, entre elas a “questão da identidade” e a construção de “uma memória da migração, rastreada através da oralidade” Lacerda (2006, p. 320). Sua recomendação poderá ser estudada no romance de Teófilo, já que ele se valeu de muitos relatos orais para construir sua narrativa.

Outros trabalhos abordam a migração cearense para Amazônia sob diferentes ângulos e perspectivas. Barboza (2005), em *Ida ao Inferno Verde: experiências da migração de trabalhadores do Ceará para a Amazônia (1942/1945)*, contextualiza o ambiente cearense dos dois grandes ciclos de migração a Amazônia (1877-1889 e 1942-1945), abordando apenas o segundo. Cristina Wolff (1999), em *Mulheres da floresta: uma história – Alto Juruá, Acre (1890-1945)*, analisa os dois períodos, com destaque para o papel feminino na economia da borracha. Por sua vez, Lacerda, no artigo *Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916)*, defende que, “o que significavam o Pará e o Ceará desse período é fundamental para entendermos os múltiplos sentidos presentes no ato de se migrar do Ceará, de se estabelecer no Pará” (Lacerda, 2006, 198).

A migração no romance *O paroara* como foi elaborada por Rodolfo Teófilo

O paroara, quarto romance de Rodolfo Teófilo foi publicado no final de 1899, impresso pela Tipografia Moderna, tendo Louis Chlowiecki como editor. Faz referência em sua capa à Padaria Espiritual, que já não existia, mas a qual o autor participou e onde ocorreram as sessões de leitura e discussão dos primeiros capítulos do romance, denominado inicialmente como “O seringueiro”. A obra está dividida em 50 capítulos indicados apenas por números romanos, sendo cada um deles com uma média de 8 a 10 páginas. Ao todo, a obra tem 504 páginas e Teófilo a dedicou sua mãe. O romance,

constitui-se de uma estrutura temporal linear a partir do cap. 9 (estabelecendo os acontecimentos entre 1897-1899), com os caps. 1-8 funcionando para apresentar as personagens principais – João das Neves, Chiquinha (esposa de João, mulher forte, virtuosa, filha de tísicos) e padre Mourão (religioso virtuoso, padrinho de João e Chiquinha) – suas características psicossociais e experiências de vida entre as décadas de 1870-1880. As temporalidades do enunciado (narrativa) e da enunciação (obra) caminham de forma paralela. A parte final do romance, com o retorno de João das Neves ao Ceará, situa-se em meados de agosto de 1899, sendo que a publicação da obra dá-se em novembro do mesmo ano. Explicitando, assim que, para Teófilo, como para parcela dos escritores, a literatura servia como espaço para questionar o vivido. Por meio de um trabalho estético o escritor cria um produto capaz de analisar a sociedade e educar os leitores. A literatura, portanto, deveria ser capaz de apresentar a sociedade como um todo, destacando os agrupamentos humanos que a compunham e as leis que a regiam. Utilizando-se dos princípios científicos para o estabelecimento do universo literário, os escritores transmutavam a obra literária em documento social. (Damasceno, 2018, p. 44).

Murari, por sua vez, explica mais detalhes das intenções de Teófilo, ao compor um quadro “realista” ou fazendo uso desse gênero.

O tema da presença nordestina na Amazônia não podia escapar a pena de Rodolfo Teófilo, autointitulado “cronista dos infortúnios do Ceará”. Em *O paroara* ele acompanhou o destino de um imigrante nordestino na Amazônia. O personagem central do romance é um pequeno agricultor cearense que, quando criança, perdera-se dos pais, retirantes da seca de 1877, e buscava reverter a condição e nomadismo retornando a casa paterna e reatando seus laços com a terra natal. Sua tentativa de fixação foi, contudo, frustrada por um novo período de seca, durante o qual, iludido por promessas de riqueza fácil, emigrou para a Amazônia, abandonando a mulher e os filhos. Embora a temática principal do romance seja a luta pela vida antes a hostilidade do meio físico – inicialmente, na primeira parte da obra, o sertão nordestino, e na segunda parte – A Amazônia, o escritor conclui que o nomadismo das populações rurais do Nordeste era causado pelo “espírito de vagabundagem inato ao mestiço”, ou seja, a instabilidade psíquica a mistura de instintos contraditórios de etnias distintas, que impediria o estabelecimento de laços afetivos com o meio e a sociedade (Murari, 2003, p. 101).

Convém salientar que *O paroara*, pode ser considerado o primeiro romance sobre a extração da borracha na literatura brasileira. No entanto, apesar desse mérito,

é importante ressaltar que esse romance e “todos os outros textos sobre a economia da borracha do final do século XIX e início do XX, não encontramos revolta nos personagens. Eles são degradados tanto pelas forças da natureza, como pelas sociais e não expõem revolta àquele sistema e modo de vida opressor” (Silva, 2017, p. 26).

É necessário dizer que, nas últimas décadas do século XIX e nas primeiras do século XX a intelectualidade brasileira se concentrou na compreensão da realidade nacional, abandonando o paradigma romântico em detrimento do científico. Nesse sentido, defende Murari, “o pensamento científico vinha dinamizar a representação da realidade brasileira, daí em diante concebida sob as lentes da transformação social e da superação do passado” (Murari, 2003, p. 86). Em menor ou maior grau Teófilo fez isso através de seus romances, especialmente em *O paroara*. O regionalismo literário, do qual faz parte o romance citado, incluía a inserção do homem no meio e o desnudamento da natureza. O cenário amazônico, com sua natureza intocada e o sertão escaldante, confirmavam as idéias de Murari (Murari, 2003, p. 87). Por sua vez, Damasceno defende que,

a migração como questão vivida atraía interesses e suscitava disputas em torno da construção de uma explicação do fenômeno. No cenário intelectual de Fortaleza formaram-se dois campos de entendimento sobre a questão, que ofereciam suas versões para erigir a “verdade” sobre a partida de cearenses para a Amazônia. Em ambos os grupos, a migração aparecia como inter-relacionada a realidade das secas, que no último quartel do século XIX, passou a dimensão de cotidianidade de homens e mulheres, tendo sua percepção transposta de uma condição natural para um problema científico. (Mendonça, 2017, p. 3).

O que definiu a migração do cearense a Amazônia, porém, está ligado a raça e não a outras condições, seja elas sociais ou climáticas ou propagandistas. Nesse sentido, o livro *O espetáculo das raças*, de Lília Moritz Schwarcz, demonstra o papel atribuído às questões raciais na história do Brasil a partir do século XIX. Rodolfo Teófilo pensava que o impulsor principal da emigração era o nomadismo da raça vermelha (indígena):

O nomadismo da raça vermelha, transmitido por atavismo à população mestiça, a qual constitui talvez quatro quintos dos habitantes do Ceará, é o fator principal do despovoamento da terra cearense. Era no romance *O paroara* que Teófilo definia sua tese sobre a emigração cearense. É através da história do Ceará e de uma estatística da qual

não se tem a fonte que ele vai buscar elementos que comprovem seus argumentos. É a população indígena, portanto, culpada pelos deslocamentos dos mestiços. Embora haja discordâncias sobre o nomadismo dos povos indígenas que habitavam o território cearense. (Braga Neto, 2012, p. 76).

Para Braga Neto, Teófilo atribuía a migração não apenas ao nomadismo. “Mesmo definindo o nomadismo da raça vermelha como causa principal da migração, Teófilo considerava as secas periódicas, o fatalismo sertanejo, e as condições sociais da população como causas secundárias desse fenômeno. Mesmo que, Teófilo atribuísse à migração causas orgânicas, ele não omitia questões que eram fundamentais para o entendimento dos processos migratórios. (Braga Neto, 2012, p. 77).

Outros pesquisadores concordam com esse ponto de vista. Em *O nomadismo da raça vermelha: migração e atavismo na obra de Rodolfo Teófilo*, de Mendonça e Alencar, afirma que Rodolfo Teófilo,

se apropriou da teoria racial, elaborada no contexto europeu e difundida no campo intelectual brasileiro do final do século XIX, para construir uma visão sobre o povo cearense a partir de seu romance *O paroara* (1899). Esse literato recorreu ao determinismo racial, como principal aporte teórico, para explicar um fenômeno de grande impacto social sobre aquele povo: a migração (Mendonça; Alencar, 2021, p. 301).

Benchimol tem uma compreensão diferente sobre a migração cearense. Para este autor, as motivações dos cearenses eram outras. Seu livro *O cearense no Amazônia* (1965) continua sendo a referência para descrever o processo migratório do cearense para a Amazônia, com foco em Manaus e nos seringais no interior do estado do Amazonas. Tal obra aborda, além das memórias de cearenses migrantes, as várias representações atribuídas a estes “retirantes”. A síntese dessa pesquisa, segundo o autor, desenvolve,

primeiro a tendência geral do fenômeno de expansão e mobilidade da população brasileira e depois o ciclo imigratório que acompanhamos, durante mais de dois anos, em Manaus, nas suas fases mais típicas e características:

- A da geografia da calamidade que fez o imigrante cearense partir “mode” a seca e a fome.

- A da economia da atração que fez o “foco-de-apelo” e deu o “apetite-de- seringa” para o “rush”.

- A da psicologia da aventura que criou o seu representante mais típico e talvez o menos duradouro: - o “Arigó”. (Benchimol, 1965, p. 18).

A leitura atenta de Lacerda, revela que o fenômeno da migração cearense é ainda mais complexo e multifacetado. Sua pesquisa destaca imagens contemporâneas que remetem a histórias acontecidas entre 1889 e 1916, que ligavam o Ceará ao Pará e que ela buscou elucidar, uma vez que seca, chuva, floresta, cidade, sertão, rio, mar e gente foram elementos evocados ao longo de seu trabalho, na tentativa de elucidar a vida de cearenses para o Pará, bem como o modo de viverem nesse espaço,

a memória de pobres vítimas da seca, de corpos andrajosos esqueléticos e famintos”, parece representar, em vários momentos, a sina dos cearenses quando, ao longo do tempo, se veem envolvidos pela seca. No rastro dessa calamidade, quando tomamos como referência o período compreendido entre 1889 e 1916, a fuga para a Amazônia e a vida de trabalho árduo nos seringais de florestas e rios insalubres, sempre presos a um padrão desejosos de grande lucros, sintetizaram, sem dúvida nenhuma, a vida dos migrantes cearenses no Pará, em muitos estudos, conforme vimos ao logo do livro. (Lacerda, 2010, p. 372).

Sem pretender negar esses problemas, Lacerda buscou enfatizar outros aspectos de tal experiência, dando ênfase a outras nuances desse processo, querendo tirar dos migrantes a imagem tão solidificada de alguém que não não tinha condições de gerir a sua própria vida. Cabe aqui recordar a trajetória de João das Neves, cuja vida é conduzida por outros. Primeiro o fenômeno da seca e controla; depois o paroara o engana; em seguida o navio o adoece; posteriormente o cenário amazônico o deslumbra e assuta e finalmente o seringal o abate. O homem, dotado de força física, parece não possuir livre arbítrio e poder de escolha e é quase uma máquina, que não opine ou resiste a estes e outros fatores na narrativa fatalista de Teófilo. Desse modo, conclui Lacerda, “se dor, sofrimentos, fome, medo, e exploração fizeram parte da história de vida desses homens, mulheres e crianças que tentei interpretar no livro, não tenho dúvidas de que, como vimos, outros desdobramentos mais complexos também integraram essa experiência” (Lacerda,

A representação da Amazônia em *O paroara*.

Os estudos de Roger Chartier se tornaram referência no campo das representações do outro. A noção do outro é indispensável para entender a migração cearense a região Amazônica, haja vista que estes migrantes foram alvo de representações. Chartier, afirmou que não há “prática ou estrutura que não seja produzida pelas representações, contraditórias e em confronto, pelas quais os indivíduos e os grupos dão sentido ao mundo que é o deles” (Chartier, 1991, p. 177).

Como a metade dos capítulos da obra *O paroara* contém a saga de seu principal personagem no Ceará e a segunda na Amazônia, pode ser encontrada uma representação de ambas regiões. As primeiras palavras do romance apresentam a “floresta” do Ceará despida de folhagem, enquanto as últimas palavras do romance, dizem: “o paludismo foi o único proveito que tirara do Amazonas e o flagelaria o resto da vida”. Esse dois polos opostos da obra já contem em si uma representação típica das regiões, enquanto muitas representações comporiam o corpo da obra e da história dos personagens nelas presentes. O final parece conter sua principal representação da região: terra de doença, infortúnio e morte. É isso que o romance tenta transmitir; uma espécie de advertência aqueles que deixam o Ceará para aventurar-se na floresta amazônica. Ao longo do romance, Teófilo compara vividamente as duas regiões, como forma de expor as benéficas de uma em detrimento ao perigo da outra.

Em inúmeras passagens de “O Paroara” Teófilo utiliza-se do estratagema de comparar as características ambientais (clima, flora, fauna) e sociais do Ceará com as da Amazônia. Essa organização discursiva reveste-se de dois aspectos: a) como método de construção de inteligibilidade para as situações experienciadas pelas personagens na Amazônia, uma vez que uma parte dos prováveis leitores tinham conhecimento deste espaço apenas por meio de relatos orais ou escritos; b) como forma de afirmar a tese do romance: que sob quaisquer ângulos a vida no Ceará para estes indivíduos migrantes seria melhor do que a aventura na Amazônia, que só lhes causaria sofrimento e perdas. (Damasceno, 2017, p.7).

Para ficar claro as representações, faremos uma análise breve, dos principais capítulos que narram a viagem de João das Neves, sua estadia no seringal e seu retorno ao Ceará.

No capítulo XXV, Teófilo cita a propaganda da emigração e o papel do paroara “a propaganda da emigração lavrava por todo o Ceará. Em todas as localidades haviam chegado paroaras dinheirosos, que se conduziam como José Simão, com a mesma linguagem e os mesmos intentos.” (p. 232) Teófilo atribui a migração a falsa propaganda dos agentes dos seringalistas. É necessário reconhecer que Teófilo generaliza em suas conclusões sobre o caráter de paroaras e outros personagens do mundo amazônico (como índios, seringalistas, etc.), ao passo que é mais generoso com os personagens do mundo nordestino, apesar de não olvidar a força da mestiçagem em suas decisões e comportamentos.

No capítulo XXVII, “Logo no embarque começaram a se aperceber que o caminho do el-dorado não era a larga estrada de areias brancas, como pensavam, mas uma estreita vereda na crista de agudos alcantis e juncadas de espinhos” (p. ?). O capítulo também fala em “mar furioso” e indomável, que dificultava a viagem, logo na saída. Além de um naufrágio que gerou arrependimento nos retirantes, a falta de espaço até para atar uma rede e os incômodos da viagem formavam o quadro desolador no início da jornada rumo a Amazônia.

O capítulo XXVIII começa com a chegada a Belém e os viajantes são descritos como “defuntos saídos da covas” (p. 260). O uso repetido da palavra “injustiça” demonstra a intenção de Teófilo em culpar ora as autoridades do Ceará, ora os paroaras e seus patrões pela triste sorte que os cearenses enfrentarão em seu destino final.

O capítulo XXX começa com a chegada em Manaus, depois de uma “viagem cheia de vexames e de temores” e momentos angustiosos do Estreito de Breves, recordados pelos passageiros. (p. 278). Esse é um dos capítulos mais melancólicos, pois “A fome que soffriam no Ceará os amolecia de todo”, a comida servida no navio era insuficiente e insalubre. Nesse momento, Teófilo diz que “João das Neves depois que o navio deixou de jogar não sabia se estava vivo ou morto.” (p. 279). O romance contrasta o céu do Ceará com o atual e o estilo de vida, como as doçuras da rede e as taboas do convés. Em todo o romance, Teófilo exalta o Ceará, para desqualificar a Amazônia com lar para os retirantes. O capítulo ainda cita as baixas nessas viagens

e outros infortúneos. A caminho da hospedaria, o problema era o “vício”, as prostitutas, a balbúrdia.

No capítulo XXXI, João das Neves segue para o Acre, seu destino final. Ao chegar no barracão *Deus te ajude*, descrito por Teófilo como “uma penitenciária”, João das Neves conhecem seu administrador, que odiava “cearenses”, por terem colonizado o Amazonas e possuírem os principais seringais, causando prejuízo aos bolivianos (p. 292-293). O capítulo termina com o início do sistema de aviação na nova vida de João das Neves.

No capítulo XXXII, o povo do Amazonas é descrito como estranhos. “A terra e a gente nada se parecia com o Ceará”, em uma clara representação do amazonense. A região, apesar de gerar medo nos seringueiros brabos, também era sua fonte de esperança, pois tinha “riquezas”, que só a doença poderia impedir de conseguir. (p.299). O capítulo introduz o “índio” e a “fera”, cujas armas com as quais poderiam proteger-se. A representação do índio como selvagem e violento é um dos tristes erros do romance.

O capítulo XXVI inclui elementos fantasiosos, como o medo de fantasmas e as febres, impaludismo e outras doenças que mexiam com a cabeça dos seringueiros. A sequência, destaca a solidão, o remorso, e insônia de João das Neves, causadas pelas lembranças da família no Ceará. Cabe aqui um parágrafo esclarecedor:

Fascinado pelo rolo de dinheiro de José Simão havia esquecido as péssimas condições em que ficara a família. Neu saudade teve dela deixando-a tão desamparada. Foram necessárias as agruras daquele viver de bicho, sujeito a todas as intempéries de um clima ruim, e a todos os perigos de uma região desabitada, para lhe despertarem na alma a lembrança da família e a piedade dela [...] estava a muitas centenas de leguas de seu lar, tão longe e tão degradado entre feras e selvagens que era quase certo mais nunca lá voltar. Agora todos os sonhos de riqueza que a ambição criara, seggerida pelo dinheiro dos paroaras, que lá chegavam contando as maravilhas do el-dorado e calando as desgraças de toda a casta que a todos os instantes, aconteciam aos emigrantes, desapareciam, deixando-o aniquilado (sic). (p. 342).

No capítulo XXXVIII a desventura de João das Neves se intensifica, com uma febre e frio nunca experimentados no Ceará. “Tudo naquela terra era exótico” (p. 353), desde o canto de pássaros exóticos a relações trabalhistas e manifestações religiosas.

O capítulo XLII começa falando da “faina dos seringueiros”, e a vida em todos os centros, que era a mesma, “num desconforto eterno”. O capítulo introduz as superstições dos seringueiros, enquanto João das Neves definha por conta da doença misteriosa que o acomete.

No capítulo L, o último do romance, registra: “Muito triste foi o regresso de João das Neves ao torrão do berço. Depois de dois anos no Amazonas, de duas safras deborracha, voltava ele doente e desiludido da fama do el-dorado.” (p. 473). Seu brado ao chegar em Fortaleza, “Oh, minha terra, com és bonita!”, seguido do choro ao abraçar as areias, contrastam com a solidão da floresta e o medo de tudo que viu e sofreu lá. O romance não tem um final feliz, pois João das Neves, semi-morto pela doença, encontra sua esposa agonizando e seus filhos já mortos de fome. Teófilo intensifica os efeitos da aventura na Amazônia, como que desestimulando outros a fazerem o mesmo percurso.

Considerações finais

Os críticos de seu tempo apresentaram severas críticas ao estilo e ao pouco valor artístico dos romances de Rodolfo Teófilo. Ao lermos mais atentamente seu romance *O paroara*, percebemos um pouco dessas dificuldades. No entanto, seu romance, neste artigo não foi objeto de estudo literário, mas, sim, histórico. E como tal, apresenta aspectos peculiares da visão do autor sobre as condições da migração dos cearenses a Amazônia e sobre a própria Amazônia em si.

Mesmo não sendo uma obra prima da literatura brasileira, *O paroara* desponta como o primeiro romance sobre a extração da borracha em nossa literatura nacional. Seus personagens não expressam nenhuma revolta sobre sua situação de vida, mesmo sendo degradados pelas forças da natureza e da sociedade de seu tempo. Não apresentam nenhuma revolta àquele sistema opressor de suas vidas. Embora a temática principal do romance seja a luta pela vida diante da hostilidade do meio físico, Teófilo concluiu que o nomadismo das populações rurais do Nordeste era causado pelo “espírito de vagabundagem” inato daquele povo mestiço.

Bibliografia

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. **A invenção do Nordeste e outras artes.**

Recife: FJN, Ed. Massangana; São Paulo: Cortez, 2009.

ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca de. **Adolfo Caminha e Rodolfo Teófilo: a cidade e o campo na literatura naturalista cearense**. 2002. 145f.- Dissertação (Mestrado)- Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-Graduação em História, Fortaleza (CE), 2002.

ALENCAR, Manoel Carlos Fonseca de. Rodolfo Teófilo: o sertanejo entre o ideal e a raça. In: **Simpósio Nacional de História**, 27, 22-26 jun. 2013, Natal (RN). Anais... Natal (RN):

BARBOZA, Edson Holanda Lima. **Ida ao inferno verde: experiências da migração de trabalhadores do Ceará para a Amazônia (1942/1945)**. 2005. 182 f. dissertação (Mestrado em história) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2005.

BENCHIMOL, Samuel. **O cearense na Amazônia: inquérito antropogeográfico sobre um tipo de imigrante**. 2ª Edição: EDIGRAF - Editora e Gráfica Ltda, 1965.

BENCHIMOL, Samuel. A Amazônia e o Terceiro milênio. In **Parcerias Estratégicas**, n. 9. Brasília: [MCT. Centro de Estudos Estratégicos], outubro. 2000, p. 22-34.

BENCHIMOL, Samuel. **Amazônia: Um pouco –Antes e Além - Depois**. Ed. Umberto Calderaro, 1977.

BRAGA NETO, Edgar. **Emigração cearense entre 1888 e 1915: sentidos, controle e configuração social dos migrantes**. 2012. 172f. – Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Programa de Pós-graduação em Sociologia, Fortaleza (CE), 2012.

BRITO, Luciana. **A fome: Retrato dos horrores das secas e migrações cearenses no final do século Xix**. (Uenp Estação Literária Londrina, Volume 10b, p. 111-125, Jan. 2013.

CARDOSO, A. A. I. As Secas e as Migrações entre o Ceará e o território Amazônico (1845- 1877). **Revista Espacialidades**, [S. l.], v. 7, n. 01, p. 34–46, 2014. Disponível em:

<https://periodicos.ufrn.br/espacialidades/article/view/17621> Acesso em: 16 set. 2024.

CARDOSO, Antonio Alexandre Isídio. **Nem sina, nem acaso: a tessitura das migrações entre a Província do Ceará e o Território Amazônico (1847-1877)**. 2011. 244 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Ceará, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em História Social, Fortaleza-CE, 2011.

CHARTIER, Roger. O mundo como representação. **Revista das Revistas**. Estudos Avançados, N. 11, (5), 1991, p. 177.

COLARES, Otacílio. **Introdução Crítica. Fome e Peste na ficção de Rodolfo Teófilo**. Academia Cearense de Letras. Fortaleza, 18.03.1979.

DAMASCENO, Bruno de Brito. **Rodolfo Teófilo e a migração cearense para a**

Amazônia na passagem dos séculos XIX e XX. 2018. 107f. - Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-graduação em História, Fortaleza (CE), 2018.

DAMASCENO, Bruno de Brito. Entre a realidade tangível e a fantasia criadora: a migração para a Amazônia na produção literária de Rodolfo Teófilo e Euclides da Cunha. In: **Simpósio Nacional de História.** 29., 24-28 jul. 2017, Brasília. Anais: Associação Nacional de História, 2017.

DAMASCENO, Bruno de Brito. **XI Encontro Regional de História Oral.** Disponível em: https://www.nordeste2017.historiaoral.org.br/resources/anais/7/1494004258_ARQUIVO_OP_AROARAENTREOESCRITOEOORAL.pdf. Acesso: 17 set 2024.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889-1916).** 2006. Tese (Doutorado em História Social). Universidade de São Paulo, 2006.

LACERDA, Franciane Gama. Entre o sertão e a floresta: natureza, cultura e experiências sociais de migrantes cearenses na Amazônia (1889-1916). **Revista Brasileira de História**, vol. 26, nº 51, p. 197-228, 2006.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará: faces da sobrevivência (1889- 1916).** Belém, Pará: Editora Açaí, 2010.

LEANDRO, Rafael Voigt. **Os ciclos ficcionais da borracha e a formação de um memorial literário da Amazônia.** Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Literatura da Universidade de Brasília, 2014.

LIRA NETO. **O poder e a peste:** a vida de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Demócrito Rocha, 1999.

MENDONÇA, Erika Gonçalves de; ALENCAR Manoel Carlos Fonseca de. O nomadismo da raça vermelha: migração e atavismo na obra de Rodolfo Teófilo. In: **Anatres**, v. 13, n. 29, jan./abr. 2021.

MENDONÇA, E. G., & de Alencar, M. C. F. **O nomadismo da raça vermelha:** migração e atavismo na obra O Paroara, de Rodolfo Teófilo. *Antares: Letras e Humanidades*, 13(29), 301–317, 2021. Recuperado de <https://sou.ucs.br/etc/revistas/index.php/antares/article/view/9712>

MONTENEGRO, João Alfredo de Sousa. Rodolfo Teófilo: pensamento e ação. **Espiral: Revista de Literatura**, Fortaleza, n. 3, p. 123-134, 1997.

MONTENEGRO, João Alfredo. **Rodolfo Teófilo:** pensamento e ação. Espiral Ensaio. Disponível em: https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/33027/1/1997_art_jasmontenegro.pdf. Acesso: 18 set. 2024.

MURARI, Luciana. Pelo rumo do ermo: caipiras, sertanejos e retirantes em marcha pelo Brasil. **Revista Projeto História**, (27), p. 85-106, dezembro de 2003. Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/view/10512>

NETO, Lira. **O poder e a peste**: a vida de Rodolfo Teófilo. Fortaleza: Fundação Demócrito Rocha, 2001.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolpho Theophilo**: a construção de um romancista. 2011. 201f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal do Ceará, Departamento de Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, Fortaleza-CE, 2011.

PINHEIRO, Charles Ribeiro. **Rodolfo Teófilo polemista**: a crítica polêmica como estratégia de glorificação literária. 2019. 333f. - Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Ceará - Programa de Pós-graduação em Letras, Fortaleza (CE), 2019.

REIS, Nathacha Regazzini Bianchi. Rodolfo Teófilo e a luta contra a varíola no Ceará, 1905. **História, Ciência, Saúde**, Vol. VIII(1), p. 286-289, 2004.

SILVA, Roberto José da. **Entre história e ficção**: algumas leituras sobre a produção literária em torno da economia da borracha: 1870 – 1930. – Campinas, SP: [s.n.]. Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, 2017.

SILVA, Mateus Roque da; VELLOSO, Andreza Alves. Um passado, múltiplas formas de leitura: tensões e intersecções entre história e literature. In: Daniela de Campos, Eduardo dos Santos Chaves, Maria Cláudia Moraes Leite. **História e literatura**: relações possíveis Organizadores. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2022.

SÓAREZ, Ednilo Gomes de. **Rodolpho Theophilo**: o polivante polêmico, **Revista do Instituto do Ceará**, 198-237 (2009). Disponível em: https://www.institutodoceara.org.br/revista/Rev-apresentacao/RevPorAno/2009/08_Art_RodolfoTheophilo.pdf. Acesso: 06 de novembro de 2025.

SOMBRA, Waldy. **Rodolfo Teófilo**: varão benemérito da pátria. Fortaleza: Prefeitura Municipal de Maracanáu, 1997.

THEOPHILO, RODOLPHO. **O cunduru**. Fortaleza: Minerva, 1910.

THEOPHILO, RODOLPHO. **O paroara**. Fortaleza, Ceará: Typ. Moderna A Vapor, 1899.

TORRE, M. M. C. (2020). História e literatura: reflexões teóricas. **História, histórias**, 8(15), 95–114. <https://doi.org/10.26512/rhh.v8i15.25683>

WEINHARDT, Marilene. **Considerações sobre o romance histórico**. Letras, Curitiba: Editora da UFPR, n.43, p. 11-23, 1994.

WOLFF, Cristina Scheibe. **Mulheres da floresta**: uma história – Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.